CDU 908.913.1

ARTIGOS

AS FORTIFICAÇÕES DO CEARÁ

Carlos Studart Filho

1. FORTIFICAÇÕES DO BAIXO JAGUARIBE

Além do fortim de diminuta importância erigido, em fins do século XVII, para o amparo dos colonos do baixo Jaguaribe contra os gentios Paiacus, levantaram mais, os luso-brasileiros na parte litorânea daquela região, três outros redutos cuja memória iremos tentar reviver aqui.

Eram eles:

O Reduto Canoa Quebrada, guarnecido com quatro bocas de fogo e situado a poucas léguas ao nascente do farol do Aracati;

O Reduto Aracati, que se erguia próximo da vila do mesmo nome e artilhado com seis peças;

O Reduto da Barra do Aracati, levantado junto à embocadura do rio Aracati e defendido por dois canhões.

Destinavam-se, certamente, a preservar os habitantes da região dos ataques dos piratas e proteger a vila do Aracati,

* Nota adicional ao trabalho que, sob igual título, fizemos publicar no Tomo XLIV da **Revista do Instituto do Ceará.**

então dos mais importantes empórios comerciais do Nordeste, a literatura nada esclarece, porém, a tal respeito.

Seus nomes e os petrechos de que se achavam providos estão consignados na "Relação dos Fortes existentes no Brasil em 1829, com indicação do seu armamento". Nela não estão, porém, esclarecidos nem a data em que foram edificados, nem quem os mandou erigir, e, nem mesmo, o local preciso de sua construção.

A coisa unica que resta deles é um amontoado de pedras nas praias baixas do Jaguaribe, assinalando o local do antigo *Reduto da Barra.*

Os canhões que os guarneciam, transportados para o Aracati, estão agora servindo ao pacífico mister de marcos ornamentais na Praça do Mercado daquela tradicional e mui distante cidade praiana.

No que tange aos fortins do Jaguaribe, conhecemos mais dois documentos oficiais. Um, é Carta Régia, datada de 11 de agosto de 1706, declarando ficar S M ciente da necessidade de um forte no estuário do Jaguaribe e que se havia de estudar para a sua construção; o outro, a C R , de 31 de outubro de 1709 pedindo a João de Maya da Gama, Capitão-mor da Paraíba, as plantas do forte da Bahia da Traição. assim como as dos que projetara levar por diante o Capitão-mor seu antecessor, na enseada de Lucena e no Jaguaribe.

2. OUTROS FORTINS CEARENSES

Nos albores do século XIX, quando o Brasil já se achava inteiramente liberto do jugo lusitano, havia, guarnecendo pontos estratégicos da marinha da então província do Ceará, várias fortificações permanentes a respeito das quais reina a maior obscuridade. Delas, com efeito, nada mais subsiste Suas ruínas desapareceram completamente e a tradição popular não conserva reminiscência alguma de suas existências. Mudos são igualmente, no tocante a elas, os nossos historiadores, mesmo os mais especializados em assuntos militares.

Anibal Amorim não as cita em sua *História das Fortificações do Brasil,* nem delas se ocupa Augusto Fausto de Souza na erudita memória que fez inserir no nº 48, da *Revista do Instituto Histórico Brasileiro,* sobre o mesmo assunto.

Rebuscando-se os papéis do Ministério da Guerra, exumar-se-ão talvez interessantes minúcias a tal respeito, pois aí existem os únicos assentos, que se lhes referem. Quero aludir à já citada "Relação dos Fortes". Nesse interessante documento, e extraído do arquivo da Diretoria de Engenharia e publicado na *Revista Militar Brasileira* (Vol. XVI, nº 2) pelo Cel. Jônatas da Costa Rego Monteiro, figuram os nomes das Fortificações em apreço e vem igualmente declarado o número de peças que as defendiam.

São as seguintes:

O Forte da Bandeira, armado com 8 bocas de fogo; *O Reduto Novo,* com três; *O Reduto da Faxina,* com três; *O Reduto do Porto,* com quatro; *O Reduto Parazinho,* com dois; e o *Reduto Jarecamara* (Jacarecanga?), com dois.

Na planta do Porto do Mucuripe, na Capitania do Ceará, de que possui cópia o Barão de Studart, aparece, sobre uma eminencia próxima à Ponta do Mucuripe o desenho de um fortim encimado por uma grande bandeira e marcado com o algarismo 5.

Na legenda, correspondendo ao número 5, lêem-se: "morro superior às Baterias, com uma peça que faz sinal de rebate". Em um quadrilátero, riscado na parte inferior da citada carta, há mais os seguintes dizeres: "Observação (5). Morro superior às Baterias com peças de rebate à Bandeira Amarela, serve de sinal para todos os navios que navegam nestas costas, virem dar fundo neste Porto e receber notícias de que o inimigo cruza o norte desta costa".

Essa obra de defesa fixa, cujo nome não consta, foi certamente a origem do Fortim da Bandeira, que a Relação dá como artilhado com oito canhões.